



Mídias na Educação: uma prática extensionista educomunicativa no Rio Grande do Norte

Leônidas Teixeira de Carvalho Neto¹

leonidasc07@gmail.com

Rebeca de Souza²

rebecasouza303@gmail.com

Janaine S. Freires Aires³

janaineaires@gmail.com

1 Graduando em Comunicação Social – Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista do Projeto de Extensão “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas” e membro do EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual.

2 Graduanda em Comunicação Social – Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Voluntária do Projeto de Extensão “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas” e membro do EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual.

3 Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual e coordenadora do Projeto de Extensão “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas”.

RESUMO

Este artigo busca relatar a experiência do projeto *Mídias na Educação* desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte na Escola Estadual Edgar Barbosa entre maio e dezembro de 2019. A proposta visa refletir sobre os desafios e a importância da educomunicação como intervenção no cenário da educação pública brasileira. Mais do que fomentar o uso dos meios de comunicação como mecanismo educativo, a educomunicação visa principalmente: promover a participação crítica e cidadã, o protagonismo e a autonomia, e o desenvolvimento de habilidades técnicas e atitudinais na formação de jovens.

Palavras-chave: Educomunicação. Mídias. Ensino médio.

ABSTRACT

This article reports the experience of the project Media in Education, developed by the Federal University of Rio Grande do Norte at the Edgar Barbosa State School between May and December 2019. The proposal aims to reflect on the challenges and the importance of educommunication as an intervention in the public education. More than promoting the use of the media as an educational mechanism, educommunication aims mainly to promote critical and citizen participation, protagonism and autonomy, and the development of technical and attitudinal skills for young people.

Keywords: Educommunication. Media. High School.

1 Introdução

O processo de globalização modifica o mundo todos os dias e altera os ecossistemas em que vivemos. O ecossistema educativo, por sua vez, passa por mudanças simbólicas e profundas, nas quais as práticas que foram adotadas tradicionalmente não conquistam os mesmos resultados de outrora. Como consequência desse descompasso é possível apontar os baixos números da educação brasileira no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), taxas significativas de evasão escolar e o desinteresse pelo ambiente e pelos temas abordados. Há flagrante ruído entre os componentes curriculares, os modos de funcionamento da escola e os jovens do século XXI.

Essa ausência de sintonia tem sido objeto de debate público e desponta como um dos principais desafios para a educação na atualidade. Considerando os diferentes contextos socioeconômicos e geopolíticos e compreendendo a escola como um dispositivo complexo destinado à formação cidadã e à difusão de habilidades, Paula Sibília (2012) argumenta que os diferentes episódios de violência contra professores e alunos e os altos índices de evasão escolar anunciam uma crise na educação. Uma área específica da comunicação tem se dedicado a estudar e a intervir nesta problemática: a educomunicação.

Este artigo busca refletir sobre o projeto “Mídias na Educação: a educação do olhar, o audiovisual e a cultura digital em escolas públicas” desenvolvido entre maio e dezembro de 2019 na Escola Estadual e Centro de Treinamento Edgar Barbosa, que conta com 800 estudantes matriculados, na cidade de Natal no Rio Grande do Norte.

O projeto, que segue em andamento, é uma versão potiguar da proposta “Mídias na Educação” que surgiu na Universidade Federal de Campina Grande a partir da graduação em Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação. Trata-se de uma das universidades pioneiras na oferta da área como bacharelado, no qual o projeto foi implantado em maio de 2018 como um programa de extensão desenvolvido na cidade de Belém na Paraíba e segue em atividade sob a coordenação da professora Lígia Beatriz Almeida⁴.

Em 2019, o projeto foi implantado também na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo desenvolvido pelo Departamento de Comunicação Social, em uma experiência piloto. Buscando propiciar o maior exercício da cidadania e da democracia dentro do ambiente escolar, o projeto realizou ações organizadas em três oficinas – a oficina de audiovisual, de rádio escolar e de narrativas criativas – ao longo de 2019.

A equipe foi coordenada pelos professores Janaine Aires, Lívia Cirne, Mirian Moema e Ruy Rocha do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pela coordenadora Izabel Nunes. A atividade foi desenvolvida durante a gestão do diretor Joadson Martins e da vice-diretora Fabíola Souza, que também auxiliaram no desenvolvimento das atividades. Como oficinairos atuaram em todos os módulos os estudantes Leônidas Carvalho, Rebeca Souza e Débora Mendes. Participaram como oficinairos eventuais em diferentes módulos os estudantes de Comunicação Social Sandra Avelino, Juliana Almeida, Denis Vitor, Igor Ribeiro, Francisco Junior e Elderlane Ribeiro.

4 O Projeto Mídias na Educação da Universidade Federal de Campina Grande mantém um site que reúne os resultados e materiais de apoio das ações desenvolvidas. Disponível em: <<http://midiasnaeducacaoufcg.blogspot.com/p/pagina-inicial.html>>.

Nosso objetivo neste trabalho é descrever os processos que nortearam o desenvolvimento do projeto e refletir sobre as contribuições da educomunicação na consolidação de um ecossistema mais equilibrado e acolhedor na escola. Por isso, inicialmente, buscamos apresentar a educomunicação no Brasil e como nossa metodologia dialoga com os preceitos do campo. Na sequência, destrinchamos os resultados alcançados através de um relato de nossa experiência na escola a partir da realização das três oficinas que atenderam 45 estudantes do ensino médio com idade entre 15 e 18 anos. Por fim, nosso intuito foi apontar os desafios para a consolidação da área e de projetos similares em escolas públicas.

2 Metodologia

Os estudos com práticas que envolvam comunicação e educação começaram a surgir a partir da década de 1960 e já possuíam diversas nomenclaturas, como pedagogia da comunicação, educação midiática, literacia digital e educomunicação. Esta última se constitui hoje como um campo de estudos e de intervenção social e é a partir de suas premissas que elaboramos nosso trajeto metodológico.

Lígia Almeida (2016, p. 12) sistematiza as sete áreas de intervenção da educomunicação relacionando aos seus campos de origem e às características gerais das estratégias aplicadas subdivididas em: **1) Educação para a comunicação** – tem como campo fundante os *Media Studies* e visa capacitar os participantes para a prática da comunicação dialógica, a partir ou não de tecnologias; **2) Epistemologia da Educomunicação** – busca estudar a educomunicação; **3) Expressão comunicativa pelas artes** – tem como campo fundante as Artes e tem como proposta promover o diálogo usando as linguagens artísticas; **4) Gestão da Comunicação nos espaços educativos** – originária da Administração e da Comunicação Social o setor almeja implantar e aperfeiçoar fluxos de comunicação em ecossistemas comunicativos; **5) Pedagogia da comunicação** – se origina da Educação e tem como propósito facilitar a construção do conhecimento a partir de usos de recursos da comunicação; **6) Mediação tecnológica nas práticas educativas** – oriunda da Educação e que tem por objetivo inserir tecnologias na educação; **7) Produção midiática** – relacionada à Comunicação Social, a área busca produzir conteúdo com intencionalidade educacional.

Para a autora todas as áreas se pautam por valores que implicam na “igualdade de acesso, relação dialógica horizontalizada entre todos os envolvidos e com tomadas de decisão participativa” (ALMEIDA, 2016, p. 12). Além disso, em geral as áreas podem e devem dialogar entre si. O projeto “Mídias na Educação” estruturou-se nas áreas Educação para a comunicação e Produção Midiática.

Para o desenvolvimento de uma estratégia de intervenção educacional é fundamental elaborar um diagnóstico preciso do contexto em que os projetos serão desenvolvidos. Um dos indicadores é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) que nos ajuda a mensurar a qualidade do ensino através da aprovação escolar em português e matemática. Os dados de 2019 apontam que o Rio Grande do Norte tem um conceito médio de 4,9 – nos anos iniciais do ensino fundamental – e há um significativo decréscimo no índice de aprovação nos anos finais que caem para o patamar de 3,4. Em ambos os casos, o estado não alcança a meta estabelecida de 6 pontos, correspondente ao acordo entre os países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Como premissas metodológicas inspiradas na educomunicação, o projeto “Mídias na Educação” parte do entendimento de que as escolas podem ser consideradas como *dispositivos tecnológicos midiáticos*, uma vez que há difusão de informação para um público definido, com periodicidade, com pautas e com estratégias de agendamento. Ademais, entendemos que no contexto regional as escolas também desempenham papel cultural central. Neste sentido, também é importante indicar os números que demonstram a capilaridade da educação na região. A partir de dados do IBGE (2020), com uma população total estimada em 3.534.165 milhões de pessoas, em 2018, a comunidade escolar do Rio Grande do Norte era formada por 467.629 estudantes de ensino fundamental, atendidos por 21.948 docentes e distribuídos entre 2.642 escolas; e 124.592 estudantes vinculados ao ensino médio, assistidos por 7.709 docentes, divididos entre 449 estabelecimentos de ensino médio.

A Escola Edgar Barbosa é uma das maiores instituições de ensino público de nível médio do estado. Trata-se de uma escola bem estruturada e equipada que atende uma média de 800 estudantes. Nossa intervenção educacional atendeu estudantes do período vespertino. Este público foi definido em virtude de questões estruturais, dada a facilidade para o uso de salas neste turno em específico que atende a uma quantidade menor de alunos. Em comum acordo com a direção e a coordenação da escola, apresentamos a proposta de 3 oficinas em que, livremente, os estudantes interessados poderiam se matricular e que naquele ano as oficinas ocorreriam mensalmente através de módulos.

O projeto “Mídias na Educação” chegou até a escola a partir de uma parceria com o projeto “Tela Livre”, coordenado pelo professor Ruy Rocha (UFRN). Este projeto fora convidado a atuar na escola como uma estratégia para a diminuição da evasão, aprimoramento dos índices de avaliação, auxílio à implantação da

rádio e de combate a episódios de violência ocorridos dentro do ambiente escolar no ano anterior. A partir desta parceria, o projeto desenvolveu em 2019 ações que visavam contemplar três eixos: 1) a comunicação e a educação como direitos – que visa desenvolver a percepção sobre importância da comunicação e da educação para o exercício da cidadania e da ética; 2) Desenvolvimento de habilidades e técnicas - oralidade, escrita e atividades em equipe; 3) Multiplicação de agentes e difusão do conhecimento.

O objetivo geral do projeto era contribuir para que as escolas públicas do Rio Grande do Norte cumpram os requisitos da nova Base Nacional Comum Curricular que determina que estudantes matriculados nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio desenvolvam competências para usar os gêneros que circulam nos campos das práticas jornalístico/midiático, promovendo a formação de professores e estudantes dessas escolas em educomunicação e mídia-educação.

Do ponto de vista da prática do projeto de extensão, sentimos a necessidade de fomentarmos novos modelos de interação com a comunidade escolar e com os discentes da UFRN vinculados, de modo a estimular seu protagonismo, sua formação crítica e técnica. Assim, fundamentamos nossa relação a partir da Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2013), e suas exigências, a saber: a. Rigorosidade metódica; b. Permanente pesquisa; c. Respeito aos diversos saberes; d. Criticidade e ética; e. Rejeição a discriminação; e a f. Permanente reflexão crítica sobre prática.

Quanto à questão do diálogo dentro do contexto de educomunicação, precisamos analisar a estrutura adotada em sala de aula, pois, de acordo com Citelli, Soares e Lopes (2019, p. 16), “[...] questões trazidas à luz pelos educadores nos últimos anos diz respeito ao fato de a palavra estar centralizada no professor, ficando o aluno na condição de expectante”. O projeto, neste sentido, buscou romper com esta estrutura e aliadas à Pedagogia da Autonomia estas foram as nossas principais bases epistemológicas que sustentaram a interação dialógica na escola. A partir deste vínculo, foi possível acolher os estudantes e suas questões mais subjetivas.

Como ponto zero iniciamos o processo de formação dos estudantes universitários engajados no que se refere a estes valores e dedicamos a este propósito inicialmente um mês de encontros e de leituras. Muito além de uma formação teórica, nosso objetivo foi desenvolver a sensibilidade tão necessária para o desenvolvimento de um projeto deste tipo. Assim, é importante destacar que os estudantes extensionistas foram responsáveis por todas as etapas de desenvolvimento da proposta na escola e produziram também todo o conteúdo em que as oficinas foram baseadas. Buscamos fomentar a autonomia e o protagonismo dos discentes extensionistas, pois acreditamos que através dela seria possível romper com a centralidade dos adultos, representados pelos professores extensionistas envolvidos e ampliar o diálogo com os estudantes atendidos.

Na escola, o trajeto metodológico se iniciou primordialmente no entendimento das particularidades de cada indivíduo engajado na ação. Por isso, nossa metodologia implicou em três fases de avaliação: a) Avaliação inicial dos estudantes e professores em que buscamos conhecer sua origem, suas habilidades, seus hábitos, seus sonhos e suas expectativas; b) Avaliações processuais entre os participantes, a partir de questionários específicos que busquem averiguar como interagem com o conteúdo e também através da observação de comportamento; e, c) Avaliação final na qual os participantes examinam cada aspecto do projeto. Os discentes da UFRN foram responsáveis também por aplicar as avaliações diagnósticas iniciais, processuais e finais do projeto. Todos os módulos eram precedidos por reuniões de planejamento e sucedidos por reuniões de avaliação interna.

Apesar de reconhecer a área de Educomunicação na Lei de Diretrizes Básicas da Educação, parte das políticas públicas implantadas para incorporar as práticas Educomunicativas à Educação, como o Programa **Mais Educação**⁵, por exemplo, foram interrompidos ou parcialmente descontinuados a partir de 2017. Este contexto político e institucional recente implicou em significativos desafios para o desenvolvimento do projeto.

Além das dificuldades da escola na recepção da proposta em virtude das limitações de tempo dos estudantes, já que não falamos de uma escola integral, lidamos também com as limitações estruturais impostas pelos cortes financeiros sofridos pela universidade desenvolvedora. O projeto recebeu apenas uma bolsa de extensão. Todos os custos de deslocamento e de alimentação da equipe e de insumos foram pagos pelos professores coordenadores.

5 Instituído pela Portaria Interministerial número 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/2010, o programa fomentava o desenvolvimento de atividades socioeducativas no contra turno escolar promovendo assim educação integral de crianças, adolescentes e jovens. Dentre os macrocampos do programa figuram a Cultura e Artes, a Cultura Digital, a Promoção da Saúde e a Comunicação e Uso de Mídias. As ações contemplavam a atuação do Ministério da Educação; do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; do Ministério da Cultura; e do Ministério do Esporte. O programa foi substituído pelo “**Novo Mais Educação**”, através da portaria número 1.144, de 10 de outubro de 2016, que reduzia sua abrangência apenas para oficinas de Português e de Matemática.

Este fato representa a ampliação dos desafios para o campo e exigem a construção de parcerias interinstitucionais e maior engajamento docente e discente para que os projetos sobrevivam ao cenário de desestímulo. Na contramão destas medidas governamentais, observa-se que é crescente o interesse acadêmico e da sociedade civil dirigido ao melhor entendimento dos vínculos entre comunicação e educação (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 13). Este interesse se deve especialmente pela compreensão da educomunicação como uma estratégia central no combate aos impactos sociais e políticos das *fake news* e do discurso de ódio, ascendentes globalmente. Uma vez que, como Márques e Talarico (2016) mencionam “a Educomunicação tende a ser desenvolvida com vistas à superação da consciência ingênua e ao aguçamento da consciência crítica” (MÁRQUES & TALARICO, 2016, p. 440).

Os avanços tecnológicos das últimas duas décadas tornaram as relações entre mídia e educação centrais no enfrentamento dos desafios contemporâneos, especialmente se considerarmos a diversidade de usos e de vínculos estabelecidos. Pesquisa do Comitê Britânico sobre Sistemas de Informação (ROWLANDS et al, 2007) indica que, apesar da intensa relação com a internet e especialmente as redes sociais, a atual geração não apresenta uma maior capacidade de crítica na busca, na absorção ou na avaliação das informações no que diz respeito à relevância, à acuidade ou à autoridade de dados. É fundamental destacar que a habilidade com a internet é determinante para o nível de renda e o nível de educação na atualidade (HARGITTAI; HINNANT, 2008).

Dessa forma, todas as oficinas seguiram o mesmo cronograma de encontros, mas desenvolveram temáticas distintas. As temáticas planejadas por cada oficina foram organizadas do seguinte modo (Tabela 01):

Tabela 01 – Cronograma das oficinas do projeto Mídias na Educação

MÓDULO	AUDIOVISUAL	RÁDIO ESCOLAR	NARRATIVAS CRIATIVAS
1	FOTOGRAFIA NO CELULAR E NA CÂMERA FOTOGRÁFICA	POR DENTRO DA RÁDIO	QUE TEXTO É ESSE AI? CONHECENDO OS GÊNEROS TEXTUAIS
2	LINGUAGEM AUDIOVISUAL	QUASE LÁ... FALTAMOS PROGRAMAS!	PALAVRA POR PALAVRA: CRIANDO MEU TEXTO
3	CURTA METRAGEM	MÃO NA MASSA E NO AR!	PLAY NO TEXTO: DO PAPEL PARA O VÍDEO
4	EDIÇÃO DE VÍDEO	CONVERGÊNCIA E COMPARTILHAR	VAMOS ESPALHAR!

FONTE: Elaborado pelos autores.

As oficinas foram planejadas para a criação de um produto final, no caso da oficina de audiovisual: curta metragem – roteirizado, produzido e realizado através do celular dos próprios alunos; na oficina de rádio escolar: o programa de rádio; e na oficina de Narrativas Criativas, vídeos biográficos dos estudantes. Além disso, as oficinas buscaram fomentar o uso dos próprios equipamentos da escola e dos estudantes. Imaginamos que desta forma deixaríamos uma semente, em que a barreira imposta pelo acesso tecnológico poderia ao menos simbolicamente ser rompida e que mesmo sem equipamentos caros e profissionais é possível produzir e comunicar. Estas foram as bases que nos orientaram metodologicamente. Na próxima seção nos dedicaremos a apresentar e discutir os resultados das atividades desenvolvidas pelo projeto.

3 Resultados e discussão

No projeto “Mídias na Educação” muito se aprendeu sobre novos aplicativos e novas ferramentas para executar as atividades das oficinas, que possuíam operações em eixos distintos. Conforme já explicitamos, as ações foram desenvolvidas em módulos e as oficinas foram realizadas concomitantemente, cujas datas foram definidas pela escola considerando a agenda geral de eventos das turmas atendidas.

Em geral, esses módulos tinham dois dias de atividades e foram promovidos mensalmente. De tal forma que, apesar de livre, os estudantes só poderiam se matricular em uma oficina e acompanhá-la durante todo o ano. Estas medidas foram necessárias para facilitar a mobilização e a coordenação da equipe de oficinairos, bem como para melhor administração da escola. No entanto, também implicaram em desafios já que não havia equipamentos suficientes para o suporte das três oficinas concomitantemente, por isso optamos por promover um rodízio no uso do projetor e nos computadores disponíveis entre as oficinas.

É preciso reforçar o impacto deste cenário no desenvolvimento das oficinas e ações, especialmente para compreendermos a importância da manutenção e da ampliação das políticas públicas para o desenvolvimento de práticas educacionais. As condições materiais e institucionais são determinantes. No caso de uma experiência como a nossa, há uma série de variáveis que se somam: o diálogo entre ambas as instituições, as incongruências entre as agendas institucionais e das agendas dos extensionistas, a sensibilidade no trato com a comunidade escolar e suas idiosincrasias, o respeito às regras institucionais e à diversidade dos atores envolvidos. Estas características exigem que permanentemente sejam cultivados os laços de afeto que compõem a iniciativa e também que a coordenação do projeto tenha bastante sintonia.

A Escola Edgar Barbosa adota estratégias de organização que fomentam a autonomia dos estudantes, uma delas é a liderança de turma composta por dois estudantes eleitos. Dessa forma, a estratégia inicialmente adotada foi desenvolver uma atividade voltada apenas para os líderes das turmas do turno da tarde na escola em que a proposta inicial do projeto foi apresentada.

Estes líderes ficaram responsáveis por mobilizar os demais estudantes e as inscrições nas atividades que seriam desenvolvidas. Esta estratégia teve um efeito adverso, pois identificamos que em virtude das vagas limitadas, os líderes não repassaram as informações para outros estudantes da escola de modo universal como imaginávamos até que garantissem as suas vagas (Figura 01). Assim, tivemos de ampliar o prazo de inscrições e um de nossos oficinairos foi até a escola com o intuito de mobilizar os estudantes transmitindo a informação em sala em sala.

Figura 01: Estudantes do ensino médio e equipe do projeto Mídias na Educação na atividade de apresentação do projeto na Escola Edgar Barbosa em maio de 2019.



FONTE: Arquivo pessoal.

A maior parte dos líderes seguiu, no entanto, frequentando as atividades do projeto até a finalização dos módulos. Este aspecto sob nosso ponto de vista é positivo, pois estes estudantes desempenham papel importante no desenvolvimento das atividades da escola e são multiplicadores das ações. Ao todo tivemos 20 inscrições na oficina de Audiovisual, 8 em Rádio Escolar e 7 em Narrativas Criativas. Ao longo do projeto, outros estudantes se vincularam às ações que permaneceram abertas à integração de quem desejasse.

Para o desenvolvimento do primeiro módulo, elaboramos também um termo de autorização de imagem para que pudessemos desenvolver as atividades com segurança e com o consentimento dos responsáveis pelos estudantes. As oficinas foram iniciadas com uma atividade sobre Direitos Autorais, em que trabalhamos questões importantes da lei e da criação de conteúdo no contexto digital.

Nesta ocasião, trabalhamos as questões relacionadas à produção de conteúdo e a cultura de compartilhamento predominante no contexto da cibercultura e tão comuns dentre os estudantes envolvidos. Nesta ocasião, reunimos todos os participantes das oficinas em uma atividade comum de apresentação. Esta atividade foi muito importante para a integração entre as turmas, já que os estudantes eram oriundos de turmas e níveis distintos. E aplicamos também um questionário sobre os hábitos de consumo culturais entre os participantes.

Os estudantes vinculados à oficina de Rádio Escolar produziam *podcasts*. Ambientados na linguagem sonora, na roteirização para rádio e como desenvolver os programas, os estudantes definiram os conteúdos. A oficina produziu episódios do programa “AsQuinzeEVinte” (Figura 02), em alusão ao horário do intervalo

das turmas. A oficina de Narrativas Criativas foi desenvolvida até o segundo módulo entre os estudantes matriculados e a partir do terceiro módulo, em virtude de reformulações na equipe de oficinairos, foi somada à oficina de Audiovisual, já que as propostas nesta fase coincidiam.

Figura 02: Estudantes da oficina de Rádio Escolar gravando o programa “AsQuinzeEVinte” no laboratório de rádio da UFRN em setembro de 2019.



FONTE: Arquivo pessoal.

Figura 03: Participantes da oficina de Audiovisual no módulo fotografia desenvolvido em maio de 2019 e equipe do Projeto Mídias na Educação.



FONTE: Arquivo pessoal.

A oficina de Audiovisual, cuja responsabilidade foi atribuída ao projeto “Tela Livre”, produziu um curta-metragem. Os estudantes roteirizaram um falso documentário de terror estrelado e ambientado na escola. A preferência das oficinas era com exercícios mais práticos (Figura 03), dado que partes de oficinas mais teóricas resultavam por dispersar os estudantes. Em um ambiente descontraído em relação às salas de aula, os alunos puderam vivenciar oficinas com músicas, exibição de fotografias e curtas-metragens, além de construírem seus produtos finais por meio de suas vivências e de aprendizados adquiridos.

A dinâmica dialógica das oficinas, protagonizada por estudantes, permitiu que fossem tocados em temas mais subjetivos e também de questionamento às opressões que os estudantes indicavam sofrer. Foram frequentes os reclames quanto à estrutura hierárquica da instituição especialmente no que se refere

à disciplina. A título de exemplo destacamos as ocasiões em que os estudantes, em virtude dos atrasos, eram impedidos de acessar a sala de aula. Um dos estudantes expressou o quanto achava injusta aquela medida, relatando que havia chegado atrasado, pois, sem dinheiro para o passe estudantil, tinha saído de casa a pé. Estas questões integraram o conjunto de narrativas em que os estudantes foram estimulados a expressar nos textos e nos vídeos produzidos.

Uma dificuldade evidente foi que, neste primeiro ano de aplicação da oficina nesta escola, as ações foram desenvolvidas no mesmo turno de aulas dos estudantes matriculados. Este fato teve impacto na relação com os professores da escola, que estavam em sala de aula e que não participaram das atividades. Em alguns casos, os módulos coincidiam com atividades obrigatórias. Sobre este aspecto, cabem duas importantes observações: 1) É fundamental incorporar os projetos no currículo e no planejamento escolar coletivo a fim de garantir engajamento e a interação com os demais conteúdos; 2) Há significativa rejeição por parte dos docentes na adesão às propostas. Com razão, muitos professores acreditam que as ações implicam em mais trabalho não remunerado e reverberam no planejamento de cada disciplina e conteúdo curricular obrigatório.

Além disso, há uma incompatibilidade entre o modelo de interação tradicional e o modelo de interação das oficinas. Este aspecto também é bastante sensível. Concordamos que incentivar um modelo horizontal de ensino pode promover um maior desenvolvimento da cidadania dos alunos, bem como um aprofundamento do senso crítico de seu papel social. No entanto, esta tarefa não é simples. Por isso, um dos principais aprendizados do projeto que relatamos aqui foi compreender que o papel da comunicação dentro da educação deve ser pensado a partir de ações, da estrutura e dos insumos materiais que se tem ao alcance.

É no enfrentamento aos desafios contemporâneos que a Educomunicação se reafirma como potência. A extensão universitária proporciona para a educação pública experiências centrais para a formação universitária e especialmente para o aprimoramento do diálogo com a sociedade. Do ponto de vista institucional, além dos benefícios gerados para a comunidade atendida, o projeto também teve papel importante na formação dosicineiros, especialmente no que se refere ao protagonismo e ao enfrentamento criativo de desafios técnicos e atitudinais, conforme destacamos no quadro 01 a seguir:

Quadro 01 – Autoavaliação dos oficineir@s

	AUDIOVISUAL	RÁDIO ESCOLAR
PONTOS POSITIVOS	<p>“As oficinas em geral foram bastante produtivas. Os alunos mostraram interesse e a escola disponibilizou todo tipo de material necessário. Em relação às oficinas em si, fomos aprendendo a cada módulo a melhor condução dos conteúdos. No início fomos bastante técnicos, esquecendo que estávamos falando com alunos de ensino médio e que não sabiam tantos conceitos sobre audiovisual. Mas com uma avaliação geral, soubemos reformular a metodologia e aplicar de forma mais eficiente e que trouxesse resultados mais duradouros.”</p>	<p>“De modo geral, não existiram tantos empecilhos para a realização das oficinas. Os dias em que elas ocorriam eram agendados por meio de diálogo da coordenação do projeto e da escola, buscando não atrapalhar o calendário da instituição e as aulas dos alunos. Em alguns dias, ocorria um breve choque durante a realização por ser um período próximo a provas ou aulas específicas de alguma disciplina.”</p>
PONTOS NEGATIVOS	<p>“A participação dos alunos foi razoável, pois apesar dos alunos mostrarem interesse, o fato das oficinas acontecerem simultaneamente com as aulas, prejudicou a participação. Na época de revisão final ou de matérias que os alunos julgavam importante, eles preferiram estar em sala de aula do que na nossa oficina. Para mim, isso foi bastante prejudicial dos dois lados. Os encontros serem mensais foi o pior ponto para a realização de uma continuidade do conteúdo. Os módulos se tornaram distantes e o relacionamento com os alunos foi prejudicado. Apesar da criação de um grupo nas redes sociais para tentar interagir melhor, o fato das oficinas terem um intervalo de um mês foi muito ruim.”</p>	<p>“Todas as oficinas ofertadas ocorreram com sucesso e foram dadas da forma que podíamos, buscando conforto e facilidade para o aprendizado dos alunos.”</p>

FONTE: Elaborado pelos autores.

Assim, entendemos que o projeto *Mídias na Educação* mesmo com falhas foi capaz de atender professores e estudantes da rede pública, fomentando o protagonismo, o respeito às diferenças e a promoção da educação pública, gratuita e de qualidade através da difusão e da produção midiática. Nosso projeto também teve um resultado positivo e simbólico muito significativo. Dentre as atividades desenvolvidas, organizamos uma visita técnica ao Departamento de Comunicação Social da UFRN. Nesta atividade trabalhamos a importância da comunicação e as *Fake News* através de atividade integrativa entre as oficinas. Na ocasião, também desenvolvemos ações que demandavam o auxílio técnico dos laboratórios da Universidade. Os estudantes envolvidos então utilizaram o Estúdio de Televisão e de Rádio da instituição. Na ocasião também fizemos uma avaliação coletiva do projeto. Muitos estudantes falaram do desejo em chegar à Universidade e da importância das oficinas e do incentivo ao estudo e ao ingresso no ensino superior.

4 Conclusões

Desafiar a educação formal e secularizada é necessário para garantir que a educação perdure, realizando a transposição de conhecimento e do protagonismo cidadão do ambiente escolar para as ruas das cidades, visto que a educação é um processo natural da vida que precisa se adaptar às novas realidades e às novas narrativas. No contexto do ambiente escolar, que enfrenta inúmeras dificuldades, desafiar essa educação formal e vertical requer dedicação e profunda análise das realidades de quem compõe o espaço. Trata-se de uma prática que exige o máximo de sensibilidade e respeito às dinâmicas educacionais instituídas, seus operadores e suas trajetórias.

Obviamente a drástica redução de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento dessas habilidades tem impactos muitas vezes intransponíveis. Dessa forma, também podemos indicar o projeto relatado e a recepção das instituições desenvolvedoras como posturas de resistência. O Projeto *Mídias na Educação* buscou, em seu primeiro ano de atuação na Escola Edgar Barbosa, fomentar a formação de estudantes autônomos, responsáveis e críticos. O projeto segue sendo aprimorado e pretende ser implantado em outras escolas da rede pública local.

A inserção de mídias a partir da educomunicação não promove apenas uma integração tecnológica de ferramentas que em maior ou menor medida estão associadas de forma intrínseca à vida cotidiana. Trata-se, sobretudo, de promover o protagonismo da juventude através do reconhecimento de suas habilidades, da sua criatividade e do seu olhar.

Cada indivíduo porta sua história, narrativa, trajetória e cultura. A educomunicação auxilia a ascensão do maior número de narrativas dentro do ambiente escolar, prezando pela cidadania e redução de desigualdades. Por fim, práticas extensionistas envolvendo educomunicação ressaltam a necessidade das universidades públicas de se conectarem à sociedade como uma dimensão indissociável.

Referências

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 30 de dezembro de 2020.

CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Educomunicação. Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 30 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HARGITAI, Eszter; HINNANT, Amanda. **Digital Inequality: Differences in Young Adults' Use of the Internet**. *Communication Research*, 35(5), 2008, 602-621.

IBGE. **Panorama cidades – Rio Grande do Norte, 2020**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/panorama>>. Acessado em 08 de fevereiro de 2021.

MÁRQUES, Fernanda Telles; TALARICO, Blueth Sabrina Lobo Uchôa. Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educação como cultura”. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 11, n. 2, p. 422-443, 2016.

ROWLANDS, Ian; NICHOLAS, David; WILLIAMS, Peter Williams; HUNTINGTON, Pau; FIELDHOUSE, Maggie. The Google generation: the information behaviour of the researcher of the future. **Aslib Proceedings**, v. 60, 2008. DOI: 10.1108/00012530810887953

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.